

PAISAGEM, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Em sua dissertação de mestrado, arquiteta relaciona as transformações ocorridas na Praia do Canto e na Baía Noroeste de Vitória com a chegada do desenvolvimento econômico

A preocupação com a paisagem sempre me interessou no âmbito de produção e ocupação do espaço urbano. A apropriação da cidade pelo cidadão ocorre de forma fragmentada. O indivíduo participante do cotidiano da cidade, muitas vezes, não apreende as mudanças que vão se dando gradativamente na paisagem urbana e a perda de seus referenciais. A atividade prática vai mudando constantemente o espaço e os seus significados, renomeando os lugares e acrescentando traços novos que trazem novos valores.

Para Lynch (1997), cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, cuja imagem fica impregnada de lembranças e significados, onde “o sentimento da terra natal é mais forte quando, não apenas esta lhe é familiar, mas constituída por certa singularidade.” Para Heidegger, o habitante só existe pelo seu enraizamento, sua adesão a um “terroir”, um lugar de origem onde as redes de vizinhança produzem e estabelecem identidades. O vivido tem um caráter espacial local – o bairro. Assim lugar e identidade são indissociáveis.

Neste processo de pertencimento, histórias e passagens são resgatadas na minha memória, onde a experiência expressa pela relação corporal dos sentidos é reinventada cotidianamente e a cada momento pelas novas imagens e cenas da paisagem contemporânea. Nascida e criada na cidade de Vitória, desde a mais tenra idade (1970) acompanhei as mudanças consideráveis ocorridas na paisagem. O passado deixou traços, inscrições, escritura do tempo. Hoje, tenho o privilégio de lembrar o antigo desenho urbano e o sítio natural impregnado por inúmeras vivências cotidianas. Sensações prazerosas proporcionadas pela proximidade com a natureza exuberante – ilhas, mar, pedras – permaneceram e compuseram um referencial de vida. Um tempo nem tão longínquo, tempo em que se voltava da escola caminhando, sem pressa e sem medo, sob a sombra das imensas e enfileiradas castanheiras à beira-mar da Av. Saturnino de Brito. Tempo em que se podia sentir o bater dos ventos através do mo-



DIVULGAÇÃO



No alto, a sombra das castanheiras à beira-mar da Av. Saturnino de Brito, nos anos 70; acima, início da dragagem no aterro da Praça dos Namorados, em 1976

vimento ininterrupto do ir e vir de bicicleta pelas tranquilas ruas da Praia do Canto, verdadeira expressão de liberdade. Não havia portas trancadas, as crianças simplesmente brincavam e o medo existia apenas nos pesadelos noturnos. Tinha-se a impressão de que o bairro era uma extensão do quintal de nossas casas. Testemunhei o desapa-

recimento de inúmeras praias e enseadas que sucumbiram mediante o turbilhão dos aterros hidráulicos. Acompanhei a movimentação progressiva das dragas que lentamente iam desmornando toda aquela paisagem particular e especial, divinamente concebida, que agora se refugia apenas em lembranças e fotografias, resguardadas

pela quantificação que a ideia de progresso acarreta.

Prosseguindo com a decodificação dessas imagens fixadas na memória, observo que já do outro lado da ilha, a região da Baía Noroeste sempre se manteve para mim distante, oculta, escondida por trás dos morros e do imenso Maciço Central que divide Vitória em dois territórios geograficamente distintos. Na década de 70, nada nos remetia a esta região longínqua, ainda inexplorada e desabitada. O centro da cidade era a principal referência comercial e de serviços, comprimido pelo gigantismo enigmático do Maciço, pela baía e seu porto. No máximo, poderíamos dizer que o bairro de Santo Antônio tornava-se a última referência demarcatória dos limites da cidade a oeste, cuja imagem esteve sempre associada ao “lugar do cemitério”.

Pós-modernidade

Hoje, a paisagem urbana de Vitória se insere num contexto de pós-modernidade, cuja aparente estrutura formal se reconstrói a cada momento. A contraposição paisagística existente na estrutura urbana de Vitória denota valorização e investimentos de capitais em certas áreas em detrimento de outras, o que torna evidente a ambiguidade característica do espaço moderno. A sofisticada tecnologia cria um vasto repertório de paisagens que exige cada vez mais do cidadão uma velocidade perceptual adaptável às mudanças. A necessidade de se reconhecer o ambiente vivido é tão crucial e tem raízes tão profundamente arraigadas, que se torna o elo estratégico de enorme importância prática e emocional para o indivíduo.

Nesse sentido, busco compreender a passagem de uma cidade provinciana para uma cidade potencializada para o universo global. O contorno de seu perfil urbano não mais revela as grandes pedras gnáissicas escondidas por trás dos edifícios agrupados similarmente na paisagem, e do mangue, pouco resta. Nessa nova cena, apenas o capital ocupa a posição de agente do espaço e do sujeito, produzindo e incorporando valor num ciclo de reprodução e repetição.